

CAMINHAR COMO ARTE: “CHINELOGRAVURAS”

HENCKE, Jésica

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas, Brasil
jesicahencke@gmail.com

SILVA, Úrsula Rosa da

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas, Brasil
ursularsilva@gmail.com

RESUMO

Fala-se do corpo, da arte contemporânea e a produção pictórica envolta pela experiência artística atravessada pela produção de “chinelogravuras”. O objetivo deste artigo é apresentar um recorte docente que convida os estudantes do nono ano do ensino fundamental a criar uma marca, produzir uma impressão em argila de forma visceral, ao doar seu tempo num processo de criação do “não-artista”. Vale-se das propostas de Richard Long que encara o caminhar como um processo de intervir e transformar a paisagem. O método de investigação refere-se à pesquisa-intervenção, valendo-se da análise que articula a experiência vivida com autores que pensam sobre a arte contemporânea. Pode-se apreender que, no âmbito escolar, há uma hipervalorização do desenho e do trabalho com papéis e tintas negligenciando outros materiais plásticos como a argila.

Palavras-chave: “chinelogravuras”; caminhar; arte contemporânea.

1. ABERTURAS

Artista
Professor
Pesquisador
Três palavras, três seres, três posturas,
Três formas de conduzir uma aula,
um encontro do aprender.
Roupage que utilizo hora separada, hora junta e conectada,
num instante me revisto de professora e as palavras saltam de meus lábios,
proponho a criação de um “chinelogravura”,
uma placa de argila impressa em alto relevo, com formas figurativas e abstratas,
a fricção das mãos faz emergir múltiplas impressões do viver de cada estudante...
conversamos acerca da arte e sua efemeridade...
sua inutilidade!
Me revisto de pesquisadora, lanço pontes entre o ato de caminhar
Richard Long e os chinelogravuras rompem as paredes da escola e vão à busca de ar
num movimento de intervir,
ocupar.
Fico a pensar:
Será arte o deslocar dos estudantes entre a escola e o espaço de intervenção?
Um caminhar desinteressado,
a arte como visceralidades...
Aqui me revisto de artista? Não sei, tenho dúvidas!
Caminhar com as placas de argila os chinelogravuras,
transformá-las num caminhar efêmero,
fazê-las deslizar sobre o calçamento ao movimentar os passos...
Criar novos passos, novas marcas, começos, recomeços, fragmentos,
feito de terra, barro que tornar-se-ão pó,
ao desfalecer...
desaparecer.
E o que fica?
Imagens fotográficas,
experiência vivida,
o encontro entre a epiderme e a argila,
o desejo e o resultado,
a vida e o pó!
(HENCKE, Jésica; 2016)

Criar caminhos, circundar paisagens propor formas dispares de percepção do espaço que nos circunda, cunhar um caminhar desinteressado, descomprometido, potente em sua intenção e silencioso em sua ação. Inventar em tempos de incertezas, pro-

duzir uma pegada feita de argila, que deixará sua marca por um tempo efêmero e aos poucos retornará ao barro, tornando-se pó. Incerto, imperfeito, instável!

Na elaboração dos “chinelogravuras” vislumbra-se a arte contemporânea como potência à criação artística, tendo como objetivo narrar um processo de intervenção criadora iniciada no âmbito da sala de aula e externada ao plano da cidade e suas incertezas. A “chinelogravura” consiste em uma placa de argila modelada no formato da pegada de um chinelo e abalizada através de um processo adaptativo da técnica da xilogravura, auxiliado por um molde vazado, o qual é prensado contra a placa de argila para inserir nela, suas marcas. Atravessado por esta ideia propositiva realizou-se um convite aos estudantes do nono ano do Ensino Fundamental para pensar acerca de seus passos: o ato de caminhar.

A proposição inclui a produção de um material plástico tridimensional e uma intervenção artística sobre espaços urbanos, ao inserir em um parque municipal “chinelogravuras” impressas sobre placas de argila, formando um percurso, uma trilha que, descomprometida, chama a atenção dos pedestres para seu caminhar móvel/imóvel, questionador e silencioso.

Não nos basta mais sermos observadores desta cidade, destes espaços que se modificam e movimentam-se em contínua transformação, queremos intervir nestes percursos urbanos, criar rupturas para a inserção da arte, promover o alongamento da instituição escolar para lugares *in*-formais, buscar um saber sensível e artístico.

Neste emaranhado promove-se uma ruptura do tempo cronológico, ao transplantar o corpo humano para o espaço plástico da criação, fecundar questionamentos, experimentar materiais não habituais, permitir-se sujar, deixar a epiderme roçar a massa que se transforma em arte, pensar-se como corpo social, que aprende independente do espaço que ocupa.

Desvelar as coisas que expandem: a argila se faz gravura, a ausência dos pés se faz presença pela marca dos “chinelogravuras”, o corpo ausente se forma pelo caminhar intermitente das formas que se espraiam pelo chão, a escola um prédio, a praça um local, o gramado uma base sólida para se caminhar, o perigo uma lembrança remota, o sorriso uma possível aprendizagem sensível. Viver a arte como proposição e criação.

2. A ARTE DO CAMINHAR: ANDANTE

A arte contemporânea visa produzir experiências de estranhamento. Não se resume a ocupar espaços formais como museus, galerias, bienais, seu desejo é rasgar o espaço urbano, criar fissuras habitáveis e efêmeras, com inserções de corpos, gestos, imagens, objetos, viver a “não-arte”.

Produzir arte, imerso no mundo capitalista e suas transformações, tornou-se um desafio constante, uma incógnita. A originalidade e a criação do novo não são mais os elementos balizadores da produção artística. “[...] a cultura pós-moderna era de citações, vendo o mundo como um simulacro. A citação podia aparecer sob inúmeras formas – cópia, pastiche, referência irônica, imitação, duplicação [...]” (ARCHER, 2013, p. 156), mas jamais originalidade, envolta por uma justaposição de estilos, tempos díspares, diferindo da afirmação: “qualquer coisa serve!”, assim, têm-se a “não-arte”, produzida por “não-artistas” no contexto escolar.

“Um não-artista é alguém que está engajado em mudar trabalhos, em modernizar” (KAPROW, 2016, s.p.), em propor outras estratégias de engajar-se nas transformações, sem necessitar um recuo ao passado ou produzir uma projeção do futuro, uma arte engajada no presente, no atual, no instante que ocorre e escorre por entre os dedos. “Em vez do tom sério que tem normalmente acompanhado a busca pela inocência e pela verdade, a não-arte provavelmente emergirá como humor” (KAPROW, 2016, s.p.). Com ânimo, intensidades e fluxos, não estáticos, inquietos, problematizadores e inconstantes. “O trabalho implica diversão, nunca gravidade ou tragédia” (KAPROW, 2016, s.p.).

Viver a arte na carne, como um corpo com membros, órgãos, elementos que se tornam substrato para a criação artística, reconhecer os pés como a máquina do caminhar, as mãos que moldam a argila fazendo emergir símbolos, imagens, marcas em alto relevo. Um corpo humano em contato com outros corpos numa relação de criação, transformando uma imagem de pensamento em produção pictórica.

“A arte contemporânea parou de representar o mundo para apresentar sua ‘realidade’ [...]” (MEIRA, 2003, p. 13). O ato criador consome-se pelo olhar, possibilita às interações humanas de forma circular ao promover a simultaneidade dos acontecimentos, “a arte é experiência singular [...]. Ao passar de um registro a outro, a arte se torna outra, como nós, em nossa mutante aprendizagem de ser” (MEIRA, 2003, p. 19).

Aprender a ser é dar espaço para tornar-se outro, diferente, singular, afetado pelos acontecimentos e pelos encontros. No âmbito das incertezas uma experiência concreta é instigada pelas transformações sociais e educacionais, num compulsivo fluxo de instabilidades e transformações. Viver a incerteza é uma escolha, por um lado amedronta-se, desiste-se e torna-se vítima dos acontecimentos, ficando indiferente e desolado, por outro, pode-se dar vazão à criação, fazer emergir debates, análises, questionamentos e intervenções sócio-educacionais. Inventar é a potência de diferir de si mesmo.

Viver fluxos de incerteza exige problematizar, resistir aos modelos sociais, habitar territórios instáveis, promover saberes e conhecimentos, caminhar por mapas ilusórios e produzir saberes transitório. Acolher e habitar as incertezas é uma questão de aprendizagem, produzir “não-arte”, viver experiências que fomentam um pensamento corpóreo e vibrátil. O incerto é di-

verso, eclético, não marcado por ideologias e princípios, exige um olhar ao momento presente, os problemas emergentes, as incompreensões que levam à criação a um estado de investigação, envolvimento em múltiplos contextos, formas e conceitos de produção artística.

Proporcionar um encontro da incerteza, regado por uma proposição artística envolve um movimento de organização, preparação e escolhas *a priori*, não se pode precisar como ocorrerá o trabalho, se haverá uma experiência, mas, não se pode ignorar a necessidade de demarcar as formas e os contornos das atividades, quais as intenções ao desenvolver uma proposta artística, passando pela seleção dos elementos pictóricos, materiais, espaço, tempo e recursos disponíveis na instituição escolar. Uma aula exige preparação, trabalho e investigação.

O processo de criação dos “chinelogravuras” envolveu um movimento de análise do trabalho do artista Richard Long, em especial no que tange a criação de esculturas de paisagens, fomentadas pelo ato de caminhar. “Caminhar também me permite estender as fronteiras da escultura, a qual agora tem o potencial de ser construída no espaço e no tempo da caminhada em longas distâncias” (LONG, 2000, s.p.). Um chinelo, uma gravura, um passo e a configuração de um trajeto travesso, efêmero e singular.

Richard Long descreve seu primeiro trabalho feito pelo caminhar, em 1967, refere-se a uma linha reta em um campo gramado, constituída por seu próprio caminho, indo a “nenhum lugar”, cuja intenção era construir uma nova arte, a arte de andar. Colocar o corpo em movimento, vivenciar cada passo dado e perceber sua interferência na paisagem, transformando-a, por um curto período de tempo.

Cada caminhada proposta pelo artista seguia uma regra formal única, por uma razão original, um objetivo específico, uma ideia particular. “Caminhando desse modo, como na arte, provinha uma maneira ideal para eu explorar as relações entre o tempo, à distância, a geografia e a medida” (LONG, 2000, s.p.). As caminhadas são registradas de três formas: mapas, fotografias ou textos, conforme a proposta desenvolvida pelo artista.

Esta forma de explorar a produção escultórica deixa em evidência a transitoriedade, a permanência, a visibilidade e o reconhecimento. Os materiais podem ser transportados, a caminhada pode ser coletiva, a criação artística não fica presa aos espaços formais da arte, criam-se redes, alargamentos e novos territórios artísticos.

O andante – “chinelogravura” apresenta um novo passo, como os dados por Richard Long, para fora de nosso universo pessoal, em direção a uma paisagem urbana, ao encontro de outras singularidades e a arte contemporânea, sem deixar de se envolver com o barro, o contato da epiderme com a superfície fria e úmida da argila, a construção de um desenho/molde a ser impresso, o barro sob as unhas, sujeiras, marcas, restos de um ato artístico, agraciado por sorrisos, gargalhadas, barulhos e agitação.

3. O PROCESSO: EXPERIMENTANDO A MATERIALIDADE

Terra vermelha compõe quilos de argila, pedaços de caixas de papelão transformam-se em suporte, material emborrachado e flexível ganha à forma da sola de um chinelo, desenhos provenientes das entranhas de cada estudante/aprendiz surgem através do desenho sob a base em formato de chinelo, tesouras criam fissuras, cortam caminhos e produzem marcas. Um primeiro passo sem sair do lugar, preparar o espaço, formalizar o pensamento, produzir um molde que se tornará a marca da impressão da xilogravura.

Figura 1: Moldes em emborrachado.



Fonte: autora

Processo de criação de um futuro caminhar. Há ruídos, falhas, cortes que desmancham o molde, faltam materiais é preciso improvisar, o tempo transcorre uma aula de cinquenta minutos é curta para produzir o trabalho em sua completude, assim, fragmenta-se a produção em três instantes: produzir o molde do “chinelogravura” em emborrachado (E.V.A); transformar a argila em uma placa que compreenda a extensão e a largura do molde, flexionar o molde a ponto de produzir um alto-relevo; deslocar-se da escola à praça pública e colocar em exposição os “chinelogravuras”, conversar acerca do processo, das impressões e sensações.

Figura 2: “Chinelogravuras” impressos sobre placas de argila.



Fonte: autora

O trabalho foi realizado no decorrer do mês de setembro de dois mil e dezesseis, com quatro turmas do nono ano do ensino fundamental, envolvendo cerca de cem estudantes/aprendizes. Em momentos diferentes houve a oportunidade de deslocar-se da escola à praça pública, impossibilitando a criação de um único caminho, a disparidade de encontros promoveu a formação de caminhos distintos.

Figura 3: Intervenção urbana.



Fonte: autora

O processo de produção pictórica, em especial o uso da argila em sala de aula, foi o que gerou mais sensações e envolvimento, colocou os estudantes/aprendizes num “túnel do tempo” e os fez lembrar os primeiros anos escolares e pré-escolares, corroborado pela fala do estudante H (transcrita abaixo) ao se referir a infância como o espaço para mexer com barro, colorir telas, onde havia valorização da experiência corporal em contato com materiais tridimensionais móveis e inconstantes. Tornou-se visível, nesta experimentação artística, uma multiplicidade de sentimentos desde o nojo em ter que tocar o barro e sujar as unhas, até o ato de mergulhar-se na argila, tornando-a creme para as mãos e rosto.

Foi uma experiência bem interessante, lembrou minha infância quando brincava com esculturas ou pintando telas. Deixar todas nossas esculturas lá montando um caminho sobre a praça foi bem gratificante (estudante H, 9º ano do Ensino Fundamental).

Pode-se destacar nesta fala que o colocar-se em exposição, permitir que o outro veja o trabalho esculpido em forma de “escultura” é algo “gratificante” que movimenta afetos. A experiência artística passa por sensações, cujo pensamento estético articula-se na interface arte e vida. O que se propôs neste espaço de aula, foi uma criação poética que envolvesse a palavra, o gesto, a compreensão, o fazer, o perceber-se a si como produtor de arte, envolto por um pensamento ético e a própria condição de aprendizagem que passa pelo corpo sensível.

A intensidade em que batiam nesta massa amorfa para produzir uma placa criava um som desarmônico e retumbante, interferindo em outros espaços da escola e gerando reclamações. Porém, o ato de reclamar é quase uma introspecção humana e,

moldar a argila exige força, barulho e intenção, o estudante B destaca a dificuldade que é esculpir na argila, tal apontamento pode ser decorrente do material quebradiço e pouco maleável em algumas situações.

Experimentar múltiplas sensações que passam pela epiderme, aceleram os batimentos cardíacos e, ao fim e ao cabo, produzem uma visibilidade efêmera que é registrada pela imagem fotográfica, enquanto que a produção artística desmancha-se pela ação do tempo, um fazer poético impregnado de cotidianidade, respaldado pelo interesse do estudante F que, em sua fala, destaca o pedido feito à professora para trabalhar com argila, mas, não imaginava em produzir algo a ser exposto, com o mínimo de recursos experimentou-se com nossas mãos o máximo da potência criadora.

Trabalhar com argila é agradável, gosto de sentir a textura da argila entre os dedos, mas acho complicado esculpir com ela. Colocamos ao ar livre e uns dias depois (havia chovido), já não estavam mais lá. Fotografei o antes e o depois (estudante B, 9º ano do Ensino Fundamental).

Quando pedi para a professora para fazer um trabalho com argila, nunca pensei que íamos fazer “chinelogravuras” achei bem legal, nunca tinha visto antes, e levá-los para a praça foi muito interessante, pois, as pessoas poderão ver nossos trabalhos e ver como o meu ficou bonito (estudante F, 9º ano do Ensino Fundamental).

“Trabalhar criadoramente um material não é somente expressar-se, é possibilitar que esse material também se expresse, gerando, o contrapelo, comportamentos de simultaneidade com quem o trabalha, ou dialoga virtualmente” (MEIRA, 2003, p. 22). Moldar a argila, exprimir através desta massa sensações, desejos, inquietações, questionamentos, deixar-se moldar pelo material que se molda. Criar interações entre corpo, arte e processos de criação. Segundo Meira (2003) o gesto é o movimento do corpo, as mãos que amassam com raiva, alegria, força, suavidade, desespero, tristeza, amor, dor, emoção a argila, pertencem ao corpo, que empresta sua força vital à arte, à criação.

“O corpo operante e atual precisa ser reencontrado, não como objeto, matéria viva ou parte do espaço, porque ele não é um feixe de funções, mas um entrelaçamento de visibilidade e movimento” (MEIRA, 2003, p. 28). Um corpo que opera produz uma gravura imprime suas visibilidades na argila e desloca-se do ambiente escolar para a cidade contemporânea, imerso em seus dilemas, problemas e propõe a criação de um caminhar sem rumo, ininterrupto, feito por multiplicidades de formas e refúgios corpóreos.

Tive a impressão de que um homem com vários tamanhos de pés havia caminhado no parque Dom Antônio Zattara e esses pés tinham diversos formatos gravados neles, a sensação era de que eu estava em um caminho onde haviam passado vários homens (estudante C, 9º ano do Ensino Fundamental).

Sempre acho legal trabalhar com argila, acho a textura dela estranha de se tocar. Muito criativo fazer pegadas na rua. A ida até a praça foi muito divertida todos brincando, até mesmo a professora, o resultado foi super legal, com os “chinelogravuras” um seguimento do outro na rua. Criatividade não faltou! (estudante D, 9º ano do Ensino Fundamental).

A produção pictórica dos “chinelogravuras” tentou promover uma vivência integral ao envolver o pensar e o sentir; mesmo imersos numa sociedade da visibilidade, do imediatismo e da superficialidade, promover instantes para o sensível, ter um contato imediato, trocar energias entre todos os sentidos, especialmente o tato, a pele e os gestos ação imprescindível à educação e presente na fala do estudante D.

Educar o olhar, o corpo, o sensível, tendo o gesto como substrato do aprender. “O ‘gesto’ é matéria expressiva da comunicação, emerge do processo interativo que plasma o ‘como’ fazer e altera a intenção inicial, não se confundindo com o estado poético psicológico nem com os elementos constitutivos do fazer” (MEIRA, 2003, p. 38). Nesta proposta interventiva, possibilitou-se um ato de deslocar-se através do gesto, colocar em evidência o ato criador, expor-se em praça pública mediante a marca de seu corpo, transformada em um “chinelogravura”.

Caminhar da escola à praça, um percurso compreendido por quatro quadras, mostrou-se como um evento, para observar o entorno, perceber as pessoas que ocupam este espaço, escolher um lugar para expor os trabalhos, controlar o horário de retorno à escola, aproveitar alguns minutos para andar no balanço, sentar no banco, observar os *skatistas*, exercitar-se na academia ao ar livre, suspender o medo de ser assaltado, esquecer-se de si e voltar à infância remota, permitir-se brincar, sentir-se livre.

Foi bem interessante, uma textura diferente e um trabalho que eu não costumava fazer. A ida ao parque foi divertida e legal. Adorei a ideia de ter colocado em forma de caminho nossos “chinelogravuras” (estudante A, 9º ano do Ensino Fundamental).

Bom, a experiência de fazer o “chinelogravura” foi ótima para a nossa turma, colocando na prática o aprendizado, a ida ao parque foi um ótimo “passeio” para nós, expor a nossa arte é uma forma incrível de estudar (estudante E, 9º ano do Ensino Fundamental).

A visibilidade destes encontros são eventos que revelam subjetividades, trazem à tona lembranças e desejos remotos, posturas humanas compostas pela cultura, formada pelos sistemas de aprendizagem, controle e disciplinamento. Neste deslocar-se foi possível desmembrar-se das regras escolares, esquecer-se da adolescência e voltar à infância, brincar, divertir-se sorrir.

O tempo faz diferença ao engendrar distinções de forma, sua atualização, seus movimentos imperceptíveis e perceptíveis, realizando metamorfoses, alterações nos corpos e modos de sentir, ver, pensar. Há uma plasticidade no tempo que faz com

que o pensamento se desdobre em todas as direções. A gênese do sujeito ocorre no intervalo dessa cisão, como uma essência envolvida, dobrada sobre si mesma e ao mesmo tempo em perpétuos desdobramentos (MEIRA, 2003, p. 39).

Tempo plástico, que permiti ir e vir de forma não linear, desbravar territórios, habitar outros espaços, tornar-se arte. Ao envolver-se no processo de criação suspende-se o nojo, o asco, a irritação da sujeira produzida pelos restos de argila nas unhas, mãos, classes e chão, importa viver o momento, mergulhar na experiência, habitar outros espaços e viver o aprender.

4. ENTRELAÇAMENTOS: POSSÍVEIS APRENDIZAGENS

Viver o aprender como “não-artista”, experimentar a arte como processo de criação que envolve os sentidos fisiológicos e permite pensar acerca da própria ação, foi a pretensão da criação dos “chinelogravuras”, ao envolver a arte efêmera relacionando-a com as transformações fisiológicas que ocorrem continuamente em nosso corpo. Assim, como a argila provém do barro a ele retornará o nosso corpo envelhece, modifica-se, perde células que morrem, surgem novas rugas e marcas do tempo.

Nesta proposição buscou-se promover uma conexão, uma ressonância vital que aprofunda os vínculos entre o criar, a vida escolar e o espaço social, na tentativa de perceber a integralidade que há entre o “eu” e o mundo contemporâneo, a escola e a cidade como campo de intervenção. Indo além da produção artística que envolve papéis, tesouras, tintas, lápis de cor, grafite e régua.

A experiência poética vivenciada por quatro turmas do nono ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública estadual deflagrou a intensidade criadora que o ensino de artes visuais possui, em especial, por se mostrar como um dispositivo de criação e pertencimento artístico, neste caso, a argila. Atravessado pelo conceito de dispositivo proposto por Deleuze (1990) compreende-se que a argila, na produção dos “chilogravuras” assumiu a postura de linhas que geram conexões entre os objetos: corpo, molde do chinelo/sapato, EVA (emborrachado), tesoura, papelão, num sistema de interação heterogêneo, que seguem processos diferenciados e em desequilíbrios, mas no desenrolar da proposta aproximaram-se, tornando-se complementares ao sofrerem metamorfoses. Como uma máquina de fazer ver e fazer falar os “chinelogravuras” movimentaram impressões, desejos e aprendizagens.

O passeio até o Parque Dom Antônio Zattara foi diferente, e quando fizemos o “chinelogravura”, foi muito interessante, trabalhar com o material que utilizamos: argila. Foi um pouco difícil mexer na argila devido a sua consistência, e fazer os moldes com os pés, recortar o EVA, moldar o “chinelogravura” foi diferente, nunca tínhamos feito algo como o “chinelogravura”. Amei! (estudante J, 9º ano do Ensino Fundamental).

O estudante J destaca processos de euforia no que tange ao passeio até o parque e a alegria de ter um encontro fora da escola, em contraponto expõe a dificuldade de modelar a argila sua densidade e composição, o excesso ou a falta de água, o processo de esfacelamento do barro ou sua união. Destaca intercessores ao ato artístico: os pés, neste caso, o molde do calçado que estavam usando em aula, a dificuldade em colocar outras partes do corpo como elemento do processo de criação; desenhar no molde emborrachado e recortar deixando espaços preenchidos e outros vazados sem desmembrar o molde, uma articulação difícil quando se é necessário caminhar com a tesoura sem cortar as extremidades; moldar o “chinelogravura”, exercer uma força vital sobre o molde de emborrachado contra uma placa de argila e, consentir marcas em alto relevo, fazendo um recorte ao redor da placa para que esta mantenha o formato de um chinelo. Todos estes intercessores que criam atravessamentos corpóreos ao ato artístico não impediram que houvesse euforia, alegria e desprendimento no artifício de deslocar-se da escola e criar um caminhar efêmero, feito de barro, sentimentos e marcas.

Nesta perspectiva de trabalho percebe-se uma aproximação com o fazer estético, defendido por Rancière (2009), que distingue a arte por um modo de estar sensível aos signos artísticos, o termo sensível subtrai-se da ideia de sensibilidade clichê, refere-se a um sensível tornado estranho a si mesmo, a potência de um pensamento que não se reconhece. “O estado estético é pura suspensão, momento em que a forma é experimentada por si mesma” (RANCIÈRE, 2009, p. 34), suspendem-se os conceitos, deixam-se de lado as observações e afirmações e ao corpo é permitido apenas sentir.

O desenrolar da proposta interventiva exigiu um movimento de análise e compreensão posterior ao sentir, uma criação artística não é apenas sua materialidade física que inclui uma placa de argila impressa colocada em exposição para decompor-se atravessada pela ação do tempo, mas um pedaço de cada um dos estudantes/aprendizes que doaram sua força vital para construir uma marca, um caminhar feito de sonhos, interesses, desejos, questionamentos, instantes para pensar, parar e recomeçar o processo de estudos. “No lugar de privilegiar os seres isoladamente, tenta-se refletir sobre as conexões por eles estabelecidas” (SANT’ANNA, 2001, p. 87-88).

Conexões feitas pelos estudantes/aprendizes e o encontro da pele com a argila que fez lembrar os anos iniciais do ensino fundamental nos instantes em que brincavam com “massa de modelar”. O estranhamento causado pela argila dentro da sala de aula, o ato de caminhar como arte e não apenas uma ação corriqueira descomprometida e descuidada, e sim, como um momento para analisar o entorno perceber os encontros, promover silêncios e presenciar as marcas que a cidade possui.

Trabalhar com “chinelogravura” foi muito bom, vi que a argila pode ser usada na arte, pois, pensei que era usada só para obras de construções. A nossa ida ao parque foi muito legal, deixamos lá o nosso trabalho, ao público para eles verem que arte ainda é muito usada nas escolas e fazem parte da nossa vida (estudante K, 9º ano do Ensino Fundamental).

Eu gostei de fazer o trabalho com a argila. Tive a impressão que o trabalho saiu belo e foi muito bom para a turma poder descontraír e conhecer o patrimônio pelotense e se divertir (estudante G, 9º ano do Ensino Fundamental).

Achei muito legal o trabalho, bem divertido, fez com que mudássemos um pouco a rotina, fazendo uma coisa diferente, gostei muito da nossa ida até a praça, o lugar em que deixamos nossos "chinelegravuras" e a posição em que os deixamos (estudante I, 9º ano do Ensino Fundamental).

Passagens, instabilidades, desafios, a arte está apta a criar um processo de reviravoltas, alicerçada em misturas, rompendo com os cânones da pintura ou as estratégias geométricas da arquitetura para possibilitar encontros de elementos díspares em um mesmo objeto que se mostra como arte. Intervir na cidade, sair da amarra escolar, alargar-se, deixar o corpo ir à procura de encontros, liberdade corporal, flexibilidade, fluidez, ousadia, ultrapassar fronteiras e viver experiências. Nesta intervenção foi possível perceber a importância de usar múltiplos materiais pictóricos no ensino de artes visuais e promover encontros entre o corpo, à arte e a cidade, ao promover uma compreensão sensível do aprender.

REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea. Uma História Concisa**. Trad. Alexandre Krug, Valter Lellis Siqueira. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: _____ (et al). **Michel Foucault, filósofo**. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.
- KAPROW, Allan. **A Educação do Não Artista, Parte I (1971)**. Disponível in: <https://pt.scribd.com/document/148862145/kaprow-a-educacao-do-nao-artista-parte-i-pdf>. Acesso: outubro/2016.
- LONG, Richard. **Briston 2000**. In://www.richardlong.org/. Acesso: 07 de abril de 2010.
- MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da Criação: reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**. Estética e Política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Editora 34, 2009.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CURRÍCULO

Jésica Hencke

Licenciada na área de educação, com formação em Pedagogia - Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Crianças, Jovens e Adultos pela UERGS (2005); Artes Visuais pela UFRGS (2013). Mestre em Educação e Tecnologias pelo IFsul (2016). Atualmente é professora de artes do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil e tutor bolsista UAB da Universidade Federal de Pelotas.

Úrsula Rosa da Silva

Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (1988), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1992), Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002) e Doutorado em Educação (UFPEL/2009). Professora Associada na Universidade Federal de Pelotas, desde 1995. Diretora do Centro de Artes da UFPel, desde 2013.